



Artigo original

Rejeição familiar à orientação sexual como causa de sofrimento psíquico

Family rejection of sexual orientation as a cause of psychic suffering

Mariane Guedes Marques¹  | Reginéia Maria Fonseca Alkmim¹  | Worney Ferreira de Brito¹ 

¹Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna (FA SI), Montes Claros, MG, Brasil.

Resumo

Objetivo: discutir acerca do sofrimento psíquico causado pela rejeição familiar a partir da revelação sexual não heteronormativa de pessoas lésbicas, gays e bissexuais. **Materiais e Métodos:** pesquisa qualitativa de cunho exploratório e de corte transversal, feita por meio de entrevistas semiestruturadas com pessoas de orientação lésbica, gay ou bissexual, recrutadas a partir do método bola de neve, respeitando-se o critério de saturação. Os dados foram interpretados à luz da análise do discurso - AD de Pêcheux. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Funorte. **Resultados:** o acontecimento de se descobrir e de se aceitar homoafetivo é desafiador para o indivíduo, uma vez que a própria orientação sexual difere das expectativas ou normas tradicionais e é, em geral, rejeitada ou desaprovada por suas famílias. Revelar-se à família sempre foi prioridade para as pessoas lésbicas, gays e bissexuais; ainda que se produza mudança nos padrões de interação familiar, é um alívio quando se faz a revelação por não ter que representar uma identidade que não as caracterizava. **Considerações Finais:** verifica-se a necessidade da ampliação de estudos que voltem sua atenção à homofobia relacionada ao contexto familiar, em decorrência dos prejuízos psicossociais, no curto e longo prazos.

Palavras-chave: Orientação sexual. Estresse psicológico. Aceitação social. Família.

Abstract

Objective: to discuss the psychological distress caused by family rejection following the disclosure of a non-heteronormative sexual orientation among lesbian, gay, and bisexual people. **Materials and Methods:** this was a qualitative, exploratory, cross-sectional study conducted through semi-structured interviews with lesbian, gay, and bisexual participants recruited using the snowball sampling method, with data collection continuing until saturation was reached. The data were interpreted using Pêcheux's Discourse Analysis. The study was approved by the Research Ethics Committee of Centro Universitário Funorte. **Results:** the process of discovering and accepting oneself as lesbian, gay, or bisexual is challenging, particularly when one's sexual orientation differs from traditional expectations or norms and is rejected or disapproved of by the family. Disclosure to the family was a priority for lesbian, gay, and bisexual participants. Although such disclosure could alter patterns of family interaction, it was also experienced as a relief because participants no longer had to perform an identity that did not represent them. **Final Considerations:** there is a need to expand research focusing on homophobia within the family context, given its short- and long-term psychosocial consequences.

Keywords: Sexual behavior. Stress, Psychological. Social status. Family.

Autor correspondente: Worney Ferreira de Brito | worney@gmail.com

Recebido em: 22|12|2023. **Aprovado em:** 30|07|2026.

Avaliado pelo processo de double-blind review.

Como citar este artigo: Marques MG, Alkmim RMF, Brito WF. Rejeição familiar à orientação sexual como causa de sofrimento psíquico. Humanidades (Montes Claros). 2026;15:e957. <https://doi.org/10.53303/hmc.v15i1.957>





Introdução

Do ponto de vista histórico, a homossexualidade é definida como a atração emocional, física e sexual por pessoas do mesmo sexo e inclui não apenas a orientação sexual, mas também se constrói majoritariamente a partir do sexo biológico, com as caracterizações de macho e fêmea, da identidade sexual, referente ao que se convencionou chamar de masculino e feminino, e de vários outros aspectos psicológicos¹. A orientação sexual não significa apenas atração sexual, mas também atração afetiva e/ou emocional vivenciada pelo sujeito. Se a sua atração for por pessoas de sexo diferente, você pode ser heterossexual, e se você se sente atraído por pessoas do mesmo sexo, você pode ser homossexual; as pessoas bissexuais se interessam por ambos os sexos², o que difere de identidade de gênero^a, que não é o foco deste estudo.

Com vistas a nomear convenientemente a população tão diversa e pelas mudanças ocorridas ao longo do tempo, convencionou-se a mudança da sigla GLS, usada cotidianamente por muito tempo, para representar gays, lésbicas e simpatizantes, para LGBT³. Em 8 de junho de 2008, durante a I Conferência Nacional GLBT, promovida pelo Governo Federal, em Brasília, decidiu-se pelo uso da terminologia LGBT para reconhecimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, no Brasil³. Como este estudo se foca em pessoas lésbicas, gays e bissexuais, elas aqui serão doravante tratadas como LGB, quando forem citadas de modo específico.

Nas pessoas LGBT, as condições sexuais e de gênero acima citadas acabam por estabelecer uma identidade social que determina o modo de ser, de se ver, de pensar e de se revelar à sociedade. Isso porque a sexualidade envolve, a integração de dimensões biológicas, psicológicas e sociais, entre outras, o que se manifesta nas identidades, papéis e desejos, além de estar presente nas atitudes, nos valores, nos comportamentos e nas relações⁴. Essas pessoas são consideradas como parte de grupos minoritários, em uma sociedade que entende a heterossexualidade como padrão⁵. Elas sofrem diversas perdas devido ao estigma que lhes é atribuído pela associação a grupos privilegiados⁵. Consequentemente, essas pessoas podem vivenciar uma série de perdas sociais, como discriminação e exclusão, assim como podem ser comprometidas em diferentes áreas da vida por conta de sua condição de minoria, seja na área profissional, familiar, social ou de saúde, entre outras⁵.

No que tange à saúde mental, sabe-se que pessoas dessa comunidade podem estar sujeitas a um alto grau de rejeição⁵. Além disso, jovens desse grupo reportam altos índices de problemas na escola e na família, como *bullying* e rejeição familiar com relação à sua orientação sexual⁵. Inclusive, em outros tempos, a homossexualidade chegou a ser catalogada como doença, com o nome de homossexualismo⁶. Ressalta-se que a aceitação social de pessoas homossexuais e bissexuais ainda é

^aIdentidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independentemente do sexo biológico.



baixa e há opiniões unilaterais e atitudes negativas a respeito do tema. Como resultado, as pessoas LGB têm que experimentar estresses adicionais, como preconceito, homofobia internalizada e expectativas de rejeição em suas vidas diárias, que levam a riscos à saúde⁷.

Aceitar publicamente a própria sexualidade diferente da norma, independentemente das circunstâncias, não é fácil nem agradável. É um ato de conquista e é preciso muita coragem para enfrentar toda a turbulência que isso envolve⁸. Para as pessoas jovens, assumirem-se homossexuais é uma posição difícil; a primeira questão que vem à mente é a reação da família e, depois, pensa-se sobre como lidar com a sociedade⁶. As famílias nem sempre estão prontas para notícias da homossexualidade ou bissexualidade da(o) filha(o), o que pode levar a uma crise familiar: mais de 50% das(os) jovens recebem respostas negativas de suas famílias ao anunciarem sua homossexualidade⁹.

Diante disso, embora possa constituir-se como importante rede de apoio e proteção social, é possível que a família se torne um espaço de produção e manutenção da violência homofóbica, podendo o preconceito familiar ser utilizado até como instrumento de legitimização da violência contra jovens LGB¹⁰. É em nome do "amor, proteção" que, há tempos, atuam narrativas homofóbicas promovidas pela sociedade, praticando-se dentro dos lares a homofobia familiar¹¹, o que costuma ocasionar rupturas ou afastamentos dos vínculos familiares, incluindo a saída ou expulsão dessa(e) jovem de sua casa¹⁰.

Tais violências, no entanto, não se restringem às formas mais explícitas de agressão, pois há situações cotidianas em que as vivências homoeróticas são invisibilizadas no próprio ambiente familiar, em ocasiões de humilhação, discriminação, silêncio e invisibilização. Essas questões levam a efeitos psicossociais de tristeza, desânimo, angústia ou culpa, decorrentes da discriminação relacionada à sexualidade. Ainda, a ocultação do desejo e das práticas afetivo-sexuais de jovens LGB pode privá-las(os) de importantes redes de apoio e proteção, inclusive a familiar. Entretanto, grande parte dessas pessoas sequer reconhece imediatamente as situações vivenciadas em casa como manifestações de homofobia, tampouco percebe seus impactos na própria saúde, o que contribui para a minimização do reconhecimento dos efeitos deletérios dessa violência em suas vidas¹⁰.

Uma das questões principais sobre esse tópico é que o primeiro contato do indivíduo com o mundo ocorre no seio da família e, entendendo que esse fator é relevante para a vida psíquica do sujeito, o grupo familiar torna-se mais vulnerável quando um de seus membros revela que não é heterossexual. A vida familiar estabelece padrões éticos e morais e dela se aguardam sensações de apoio e de proteção emocional¹². Filhos, por não se virem aceitos pela família original, passam a buscar formas de se livrar do sofrimento e da violência e alguns conseguem sair de casa sem complicações. Contudo, parte dessas pessoas não desfruta desse privilégio e vê na rua a forma mais



rápida para se livrar da violência familiar, por vezes, colocando-se em um ambiente ainda mais violento¹¹.

É preciso discutir o impacto da homofobia na família, reforçando seu papel de acolher e de ser uma entidade promotora de bem-estar de seus membros e não ser parte colaboradora para o adoecimento e o surgimento de relações dolorosas. A não aceitação familiar impõe um ambiente hostil, que busca colocar os filhos nos padrões heteronormativos a todo o custo, utilizando-se até de mecanismos violentos¹³. Essas questões constituem uma lacuna importante na literatura científica, que desperta o interesse não apenas nos momentos de *coming-out* da orientação sexual dos filhos no acolhimento, mas também em como se trabalha esse processo ao longo do tempo nos diferentes membros da família¹⁴. Nesse sentido, são necessárias medidas para se fazer entender a importância do papel da família e do apoio desta na revelação da orientação sexual não cis-heteronormativa dos filhos, ampliar a percepção e visão das pessoas sobre o assunto e o papel da rede de apoio nesse contexto¹⁴.

Portanto, para se analisar a complexidade da natureza humana, não bastam os paradigmas, é preciso dar visibilidade à agenda minoritária, entender que as pessoas humanas são inerentemente plurais e que as ideias conservadoras sobre a identidade humana não correspondem à riqueza de quem se é, porque a diversidade é tudo aquilo que apresenta pluralidade e que não é homogêneo¹⁵. Daí se faz o questionamento sobre como é o sofrimento das pessoas rejeitadas por suas famílias após a revelação de sua sexualidade lésbica, gay ou bissexual.

Materiais e Métodos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e corte transversal. A coleta de dados ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2023, na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Foram entrevistadas(os) homens e mulheres que se declararam lésbicas, gays e bissexuais. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram um miniquestionário sociodemográfico para a caracterização das(os) participantes e um roteiro semiestruturado de entrevista, desenvolvido pelas pesquisadoras a partir dos objetivos deste estudo, contendo 12 questões referentes às experiências comumente vivenciadas no processo de revelação de sua orientação sexual LGB, de acordo com a literatura.

Para recrutamento das(os) participantes, utilizou-se a técnica *snowball*. Inicialmente, as pesquisadoras fizeram contato por WhatsApp, explicando acerca do tema e dos objetivos da pesquisa. Após aceite, agendou-se a entrevista presencial. O encontro foi realizado nas dependências de uma instituição de ensino superior, em uma sala reservada. Após a entrevista com o primeiro participante, este indicou outras(os) participantes subsequentes e, assim, sucessivamente, totalizando-se 18



entrevistas, com duração de 20 a 30 minutos cada uma, até ocorrer a saturação¹⁶ das informações pela ausência de elementos novos com características mais relevantes dentro do que foi colhido.

As entrevistas foram gravadas em áudio, mediante o consentimento das(os) participantes, que, após os devidos esclarecimentos e a aceitação para participarem das entrevistas, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram transcritas na íntegra para posterior interpretação, através dos preceitos da análise do discurso – AD de Pêcheux. As identidades das(os) participantes foram aqui preservadas mediante a ilustração das falas com nomes fictícios. Foram entrevistadas(os) mulheres e homens cisgênero de 22 a 32 anos, autodeclaradas(os) lésbicas, gays e bissexuais. Prevaleram entre as(os) participantes as religiões católica, evangélica, umbandista e havia pessoas sem religião. O grau de instrução era de superior incompleto/completo a médio completo e técnico. Prevaleram os estados civis solteiro e casado, todas(os) sem filhos. As pessoas entrevistadas são residentes na cidade de Montes Claros – Minas Gerais. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Funorte, sob Parecer de nº 6.214.946, respeitando todos os aspectos éticos contidos nas Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Resultados

Nesta seção, será discutida a produção a partir do processo de análise do discurso, que resultou em três categorias principais: (a) Rejeição da família após a revelação da sexualidade não cis-heteronormativa; (b) Aceitação; e (c) Sofrimento psíquico.

A rejeição da família após a revelação da sexualidade não cis-heteronormativa

Ao falarem acerca dos sentimentos antes do *coming-out*, as(os) participantes destacaram emoções difíceis e negativas, como mágoa, medo, culpa, depressão, incerteza e o temor de que as pessoas mais próximas se afastassem, caso soubessem de sua orientação sexual não cis-heteronormativa. Percebe-se que o medo e as inseguranças que as(os) entrevistadas(os) enfrentaram antes de se revelarem à família foram profundos e complexos. Essas emoções são frequentemente alimentadas por uma série de fatores sociais e psicológicos. O receio de rejeição por parte dos entes queridos é uma preocupação fundamental. Isso porque a família é vista como a estrutura de apoio mais importante na vida de um(a) jovem e a possibilidade de ser excluída(o) ou desaprovada(o) por ela pode ser avassaladora.

Conforme dito pelos participantes, o medo de ser rejeitada(o) pela família era algo que as(os) impedia de se revelar. Inclusive, Maria relata que sua mãe não aceita sua orientação e, mesmo com toda situação que viveu, não a culpa por tal comportamento:



“A minha mãe não aceita, mas eu não culpo a minha mãe por não aceitar; eu culpo a sociedade, e a criação dela foi muito fechada, quando ela fala sobre a orientação sexual, ela nunca fala dela, do amor dela. [...] já aconteceu, quando ela descobriu, ela pegava as minhas coisas e jogava na sala, cê vai embora, eu não quero te vê nunca mais...” (Maria).

Já os pais de José tiveram reações diferentes: a mãe ofereceu acolhimento e o pai a rejeição inicial, não tendo mais diálogo com o filho, que teve muita dificuldade para conviver com esse conflito:

“No início foi muito difícil, sabe? Primeiro que, pra mim, me aceitar foi um processo já difícil; se pra mim, me aceitar, já foi difícil, imagina pra eles, né? [...]... Ele ficou um tempo sem falar comigo, ficou um tempo sem conversar e ele falou comigo mesmo, que ele não iria me apresentar pros amigos dele, que não iria sair comigo ... Então ele foi bem, como diz o ditado, curto e grosso nesse sentido...” (José).

Ao contrário de José, Benício teve a falta de diálogo com sua mãe, que o rejeitou diante da sua revelação, por acreditar que a sua atitude não o levaria a nada e que ele era um perdido, frase que ficou gravada na trajetória da sua vida:

“...Uma das frases que, que fica muito gravada hoje em mim, mas que já é perdoada, ela falava: você é um perdido na vida! Então, isso é muito traumático, a gente ficou pelo menos uns dois meses sem se falar...” (Benício).

E o caso de Joana revela uma situação muito específica com a mãe, que começou a ter diálogos na base de troca: caso a jovem não mudasse seu comportamento, teria que ir morar com o pai:

“Então, na época, minha mãe ... tipo assim, fez com que eu explicasse a ela senão ela ia me mandar morar com meu pai que, na época, ele morava em outra cidade, uma cidade de interior, então ela entendia assim, que pra tentar me tirar disso, eu teria que ir embora...” (Joana).

A aceitação

A importância da aceitação e do apoio da família de pessoas lésbicas, gays e bissexuais no processo de *coming-out* não pode ser subestimada. Essa etapa é crucial na vida de alguém que decide compartilhar sua identidade sexual com seus entes queridos; é repleta de emoções e desafios. A reação da família desempenha um papel fundamental no bem-estar e na autoaceitação dessas pessoas.

Quando os membros da família respondem com compreensão e apoio, eles ajudam a reduzir o estresse e a ansiedade que muitas(os) participantes enfrentam antes de “saírem do armário”. Isso tem um impacto direto na saúde mental e no bem-estar emocional das(os) jovens, promovendo uma



autoimagem mais positiva. Aceitar e apoiar um membro LGB da família fortalece os laços familiares. Isso demonstra que o amor e o apoio não estão condicionados à orientação sexual, reforçando a importância dos laços familiares e da criação de um ambiente de confiança.

Muitas(os) jovens LGB vivem uma sensação de isolamento e de solidão antes do *coming-out*. O apoio da família ajuda a combater essas emoções negativas, permitindo que elas(es) se sintam mais conectadas(os) e aceitas(os). Por outro lado, em alguns casos, as(os) participantes relataram emoções negativas ao se revelarem. Benício relatou que teve “algumas surpresas muito negativas” e que precisou aprender a conviver em casa e também no seu ambiente de trabalho:

“Eu acho que por isso que eu levei tanto tempo pra tomar a atitude de dizer pra minha mãe, porque ela sempre foi meu primeiro amor. Ela era a primeira referência minha. E pra mim o que eu ouvia era sempre: “Famílias foram destruídas porque alguém se revelou” [...] “...eu sou professor não porque eu gosto, sou professor porque eu gosto de ensinar. Eu estive em uma reunião de que uma mãe falou: “Eu não quero que meu filho se contagie, se contamine”, porque eu era homossexual...” (Benício).

Além disso, para Joana, foi confuso no início, pelo fato de não saber o que estava sentindo e em torno da sua aceitação sobre sua orientação sexual e o sentimento de culpa pela família e sua religião:

“Foi bem complicado e confuso. Porque, assim, desde nova, tipo assim, eu sempre fiquei com meninos. Ficava com namoricos assim de ficar e tudo. Mas eu nunca me senti apaixonada por alguém” [...] Então, foi nesse, nesse fato que eu comecei a gostar e eu falei assim, eu tô gostando.

muito de uma pessoa e isso não é certo e aí eu me sentia culpada por conta da minha família, religião...” (Joana).

Para Antônio, foi um processo difícil entender-se e aceitar-se em sua orientação e, sobretudo, se impor às outras pessoas. Foi o que aconteceu quando um colega de trabalho disse para ele que se tratava de opção e não de orientação:

“...a motivação em falar, foi justamente a motivação em ser. “...Alto lá, meu bem, opção não, eu não aceito que você fala opção, não, é orientação, porque, opção é se eu escolhesse ser gay, eu não escolho ser massacrado, eu não escolho doer, eu não escolho sofrer, doer, chorar. Se fosse uma escolha, eu escolheria ser hetero que vai viver a vida sem passar por nada. Gay não. É todo dia um sofrer, um massacre, sempre em sofrimento. Não, não. Não é bem isso que acontece, não...” (Antônio).

Sofrimento psíquico

O sofrimento psíquico enfrentado pelos entrevistados no contexto familiar é uma realidade complexa e, muitas vezes, dolorosa. Quando a orientação sexual de um indivíduo difere das



expectativas ou normas tradicionais, ele enfrenta desafios emocionais e psicológicos significativos. E muitas dessas pessoas vivenciaram o medo de serem julgadas, rejeitadas ou desaprovadas por suas famílias, levando-as a um ciclo de segredos e mentiras, que gerou ansiedade e estresse constantes.

A sensação de isolamento e de solidão foi comum entre as(os) participantes em seus ambientes familiares não acolhedores. Relataram se sentirem sozinhas(os), sem apoio emocional e sem ninguém com quem compartilhar sua verdadeira identidade e, como causa, o estigma e a falta de aceitação minavam sua autoestima e autoimagem. Isso as(os) levou a problemas de saúde mental, como depressão, ansiedade e pensamentos de autoextermínio.

Os relatos de não aceitação da orientação sexual familiar causaram muitos conflitos dentro das famílias, provocando sofrimento, tanto às pessoas LGB como aos seus entes queridos, que resultaram na ruptura familiar, deterioração dos relacionamentos e reforçaram ainda mais a conformidade heteronormativa. A pressão dos membros da família para procurar ajuda deixou muitos dos entrevistados confusos, com medo e em negação de sua verdadeira identidade.

Apesar dos desafios, o apoio familiar desempenhou um papel importante na redução do sofrimento psicológico. Famílias que ofereceram amor, aceitação e compreensão criaram um ambiente em que as pessoas LGB se sentiram seguras e autênticas, diferentemente do sofrimento psíquico relatado por Maria, que diz o quanto o silenciar a si mesma foi algo atormentante a ponto de lhe causar angústia:

“Eu tive depressão. Fortíssima. Eu fiquei meses e meses assim que eu levantava da cama, poucas vezes pra fazer qualquer coisa, eu não tinha fome, eu não tinha sede, eu não tinha vontade de ir ao banheiro, não tomava banho [...]E eu lembro que quando eu tava numa crise fortíssima de ansiedade, falei, não aguento mais. Eu montava na moto, eu queria cair dela...” (Maria).

José relata sobre essa angústia, esse conviver com a dor que transpassa toda sua vida e que a ajuda psicológica contribui para entender sobre a sua dor e ressignificar a rejeição que teve por parte de seu pai:

“...É um processo que ainda, é, mexe hoje na minha vida, né? Ainda hoje eu faço tratamento psicológico...” [...]“E que depois desse abalo psicológico, pra poder reverter, fica danos que talvez são até irreversíveis, né... [...]Então assim, foi muito difícil na época...” (José)

Antônio já não aguentava mais o sufoco, ter que se esconder e mascarar tudo o que sentia e queria:

“É como se eu tivesse convivendo constantemente com o opressor dentro de mim e eu sendo oprimido o tempo todo. [...]...depois que consegui falar tudo



que tinha vontade, sentir tudo que você queria sentir, é um alívio muito grande, é libertador...” (Antônio)

Enquanto Carlos estava já exausto de se esconder e mostrar-se da forma que sua família queria que ele se mostrasse, aquele eu que não poderá ser visto ou sentido gerava em si a tensão de não ser quem ele realmente era:

“Eu sentia que eu não tava sendo honesto, eu sentia que eu tava tendo que fazer um teatro: todos sabem? E aí isso me cansava tanto emocionalmente, fisicamente, e ficava na tensão de que algo ia acontecer que eu me sentia exausto...” (Carlos)

Essa dor relatada por todos também seguiu na vida de Benício e está sendo acolhida na psicoterapia que ele frequenta, buscando trabalhar a falta de aceitação da mãe em entender sua orientação. Benício chegou a pensar que a forma de resolver essa situação seria o descarte (*sic*), até mesmo a morte, por acreditar que se jogar fora poderia ser a resolutiva ideal para tal conflito que ele vivenciava; até mesmo a surra que ele ganhou de sua mãe foi entendida como normal;

“Eu tenho uma dor que vai ser pro resto da vida. Mas hoje eu consigo lidar com ela fui pra terapia, Porque ela colocou algo na vida dela que, 'Não, eu não te aceito'! [...]. Eu lembro que aos vinte anos foi a primeira vez que eu pensei na questão do descarte...”

“....[...] eu levei uma surra de cabo de vassoura e eu levei dois tapas na cara, e eu acordei de madrugada com ela me batendo de toalha [...].Então eu acho que foi bom pra ela porque assim ela botava pra fora. Eu não, nunca a julguei por isso.” (Benício)

Algumas pessoas avisaram Benício que isso era violência, mas, para ele, era a forma de ela colocar para fora sua frustração, pelo fato de o filho não corresponder às suas expectativas heteronormativas. Ela também não compreendia que a maturidade dele tinha alcançado o nível que nenhuma violência o faria desistir de quem ele era.

Discussão

A partir do material empírico produzido no estudo, constatou-se que revelar a orientação sexual aos pais é uma parte importante do processo de identificação no desenvolvimento de pessoas LGB, uma vez que, para elas serem reconhecidas e se tornarem visíveis, precisam divulgar essa informação, o que não ocorre com pessoas heterossexuais, pois se pressupõe que suas identidades e experiências amorosas estejam dentro da heteronormatividade¹⁰.

Discorrendo sobre os conceitos de convivência mais próxima, o ambiente familiar provavelmente seria o melhor lugar para que filhas e filhos pudessem fazer a revelação da sua



sexualidade, tanto para si quanto para a sociedade. No entanto, muitas das pessoas LGB entrevistadas, que decidiram se revelar aos pais, experimentaram frustrações, discriminação, rejeição e sofrimentos psíquicos diversos, uma vez que muitas famílias não estão preparadas para lidar com as demonstrações da sexualidade de seus membros¹².

A busca por ações e intervenções voltadas à mudança da orientação sexual de pessoas LGB pelas famílias envolve a busca por tratamentos psicológicos, médicos e religiosos. Todas essas intervenções partilham o objetivo de apagar as identidades LGB, reforçando a cisgeneridade e a heterossexualidade como as únicas formas válidas de experienciar a sexualidade e o gênero. Essas práticas prejudiciais incluem o isolamento social, a ruptura de laços afetivos, a imposição de valores morais, a estigmatização, a ridicularização e o julgamento, todos violando os direitos das pessoas LGB¹².

Contudo, como se vê nas falas das(os) participantes, a família, muitas vezes, não opera como protetora e provedora de saúde e dignidade de tais indivíduos. Pelo contrário, atua como um dispositivo de reiteração da heteronormatividade. Isso acaba por fazer com que o lar acabe sendo um local de contradições, quando se espera que ele seja um ambiente de apoio e refúgio perante as discriminações vindas da sociedade¹⁷.

Essa rejeição familiar foi apontada como a mais relevante, pois causa maior sofrimento e maiores agravos, que podem levar até a ideações suicidas¹¹. Ainda que a violência homofóbica no âmbito familiar não culmine com a expulsão ou saída da casa dos pais, ela se processa nas relações cotidianas dessas(es) filhas(os), quando permanecem no convívio de um lar heteronormativo.

O processo do reconhecimento e da aceitação pessoal é a experiência estressante vivenciada por pessoas LGB que se constitui em uma importante etapa no desenvolvimento dessas pessoas. Isso inclui fatores positivos e negativos que afetam a sua saúde mental. A maioria das(os) participantes disse que, quando não mais conseguiam se esconder e que não estavam mais emocionalmente dispostas(os) ou capazes de esconder partes essenciais de si mesmas(os), o processo de assumir-se foi difícil, mas também libertador e, por isso, constitui-se um ato de coragem, autenticidade e abertura, que representa uma importante decisão psicológica¹⁸.

O estudo revelou que o enfrentamento por parte das(os) jovens de seu processo de descoberta e autoaceitação é permeado por muitos conflitos, uma vez que a própria orientação sexual está inserida em um contexto de relações imersas em crenças, tabus e construções sociais. Algumas(ns) até relataram que os estereótipos sociais de gênero padronizados pela sociedade para a mulher e para o homem iam de encontro ao padrão de comportamento deles, o que lhes culminava em conflitos¹².

Os sofrimentos decorrentes dessas experiências incluem a exposição a discursos que condenam a orientação sexual, a perda de laços familiares e sociais, tentativas de suicídio, problemas



de saúde mental, falta de confiança nas pessoas, sentimentos de inadequação, medo, raiva, entre outros. As narrativas das pessoas LGB que passaram por essas experiências destacam como sua saúde mental e os relacionamentos familiares e sociais foram severamente prejudicados, resultando em cicatrizes duradouras¹⁹.

A família sempre foi prioridade deles e, para muitos, revelar-se a ela produziu mudanças nos padrões de interação entre seus membros pela existência de segredos no seio da família que tensionava as relações e sufocava a espontaneidade. Após a revelação, ocasionaram-se às filhas e filhos sentimentos de alívio e liberdade, pois não mais necessitavam encobrir sua orientação sexual ou assumir uma identidade que não as(os) representava¹⁷.

Os fragmentos das histórias de pessoas lésbicas, gays e bissexuais destacam as ações de resistência contra a exclusão e a vulnerabilidade social que enfrentam. Essas práticas representam estratégias de sobrevivência em um contexto que, muitas vezes, tenta negar a humanidade e a importância de suas vidas. Entre essas ações, incluem-se demonstrações de orgulho e autoafirmação, bem como o exercício da autodeterminação em relação à orientação sexual. Além disso, essas pessoas buscam o acesso e a permanência em ambientes tanto familiares quanto institucionais, que permitam construir relacionamentos afetuosos e amigos, entre outras iniciativas¹⁷.

Considerações finais

A partir dos casos discutidos no presente estudo, foram assinaladas dificuldades por parte de algumas(ns) participantes LGB em lidar com a própria orientação sexual e com o processo de *coming-out*, levando em conta os modelos sociais de expressão da sexualidade estabelecidos. Nos relatos aqui reunidos, aventa-se que o medo da exposição seja calcado em possíveis consequências dessa revelação à família, como a desconstrução das expectativas em relação à expressão da sexualidade das(os) filhas(os), podendo promover a interrupção de apoio psicológico, financeiro e/ou institucional, além da possibilidade de estigmatização pela sociedade, entre outros.

No que tange à rede de apoio ao grupo LGB, como família e amigas(os), as(os) entrevistadas(os) relataram ter havido uma melhora em sua vida como um todo, nas situações em que houve aceitação por parte dessa rede familiar. Também passaram a ter menos medo, por poderem vivenciar o cotidiano com menos culpa e angústia, em uma experiência mais integrada e promotora de saúde. Isso reforça a importância de se prover uma rede de apoio a essas pessoas durante o processo de revelação. Embora a família nem sempre possa ser vista como uma unidade protetora por excelência, sua capacidade de acolhimento é fortalecida nas situações de maior carga emocional, como a partilha do que se passa no seio familiar.



Uma limitação significativa deste estudo foi a dificuldade de agendar entrevistas devido às restrições de horário dos participantes, o que resultou em um número menor de entrevistadas(os) do que o esperado inicialmente. Essa limitação pode ter impactado a representatividade dos dados coletados, limitando a amplitude das perspectivas exploradas, o que pode ter influenciado a profundidade da análise e a capacidade de se descobrirem novas nuances nas experiências das(os) entrevistadas(os).

Portanto, recomenda-se a condução de mais pesquisas que ampliem os relatos das(os) participantes sobre como vivenciam o processo da revelação e que se façam perguntas às redes dessas pessoas para se compreender o ambiente em que elas vivem. Nesse contexto, por meio de novas pesquisas, perspectivas inéditas poderão ser debatidas, esclarecendo, assim, questões relacionadas à homossexualidade e à bissexualidade, desmantelando ao menos parte dos tabus que ainda existem. Será iniciada, então, uma campanha por maior aceitação, maior atenção e conscientização dessas(es) jovens, a fim de protegê-las(os) ainda mais dos movimentos em oposição a esse importante processo de identificação.

Contribuições dos autores

As contribuições dos autores estão estruturadas de acordo com a taxonomia (CRediT) descrita abaixo:

Concepção e desenho da pesquisa: Mariane Guedes Marques, Reginéia Maria Fonseca Alkmim e Worney Ferreira de Brito. **Análise, interpretação dos dados e redação do manuscrito:** Mariane Guedes Marques, Reginéia Maria Fonseca Alkmim e Worney Ferreira de Brito. **Administração dos recursos:** Mariane Guedes Marques, Reginéia Maria Fonseca Alkmim e Worney Ferreira de Brito. **Revisão crítica do manuscrito quanto ao conteúdo intelectual e apresentação final:** Mariane Guedes Marques, Reginéia Maria Fonseca Alkmim e Worney Ferreira de Brito. Os autores aprovaram a versão final do manuscrito e se declararam responsáveis por todos os aspectos do trabalho, incluindo a garantia de sua precisão e integridade.

Conflito de interesses

Os autores declararam não haver conflitos de interesse.

Referências

1. SILVA, Mônica Magrini de Lima *et al.* Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 677-692, set. 2015. <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-12>
2. GUERRA, Marcela Gorete Rosa Maia; ROCHA, Francielle Lopes. Do abandono afetivo em razão da orientação sexual: do exercício de uma paternidade irresponsável. In: CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI, 22., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Florianópolis: FUNJAB, 2013. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=273f5064dc00c682>
3. REIS, Toni (Org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI; GayLatino, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>



4. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Frequently asked questions on sexual and gender diversity, health and human rights**: an introduction to key concepts. 2. ed. Genebra: World Health Organization, 2024. Disponível em: <https://cdn.who.int/media/docs/default-source/documents/gender/sogie---faq-final-08.10.2024.pdf>
5. PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro. A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. **Revista da SPAGESP**, v. 21, n. 2, p. 41-54, jul./dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200004
6. SILVA, Hisana Angélica. **Adolescência e sexualidade**: um relato de experiência. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Escola de Ciências Sociais e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/5252>
7. GUIMARÃES, Andréa Noeremberg *et al.* Narratives of young people on same-sex relationships about their path and implications for mental health. **Escola Anna Nery**, v. 23, n. 1, e20180240, 2019. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0240>
8. BARROS, João Henrique Oliveira; COELHO, Gilson Gomes. Sobre(vivências) homossexuais e o embate familiar. **Revista Farol**, v. 12, n. 12, 2021. Disponível em: <https://revista.farol.edu.br/index.php/farol/article/viewFile/298/211>
9. BRITO, Thais Hesper Silva; ARRUDA, Murilo Souza. **Uma análise sobre as formas de violência familiar contra pessoas LGBTQI+**. 2019. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2019. Disponível em: <https://ri.ucsal.br/server/api/core/bitstreams/0c2af722-b962-4bac-ae51-69bd74f4a746/content>
10. PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho; VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 19, n. 1, p. 67-76, 2014. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>.
11. COELHO, Gilson Gomes; BARROS, João Henrique Oliveira. A homofobia familiar disfarçada de cuidado. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 8, n. 17, p. 449-463, maio/ago. 2021. <https://doi.org/10.55028/pdres.v8i17.12176>
12. MOREIRA, Marco Antônio Neves do Prado; FROIS, Jerusa Magna Ferreira; ORNELAS, Camila de Oliveira Costa. **Saúde mental na população LGBTQIA+**: o papel da relação familiar. 222. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário UNA, Betim, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/26427>
13. MACHADO, Ana Carolina. **A interface da homossexualidade**: quando a família é homofóbica. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Caçador, 2020. Disponível em: https://acervo.uniarp.edu.br/?tcc_graduacao=a-interface-da-homossexualidade-quando-a-familia-e-homofobica
14. NUNES, Evelyn Costa; GARCIA, Bruna Pinotti. O abandono afetivo de LGBT na sociedade brasileira à luz dos direitos humanos. **Direito em Revista**, v. 7, jan./dez. 2022. Disponível em: http://revistas.icesp.br/index.php/DIR_REV/article/view/3627



15. NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fábio. As repercussões do *coming-out* nas famílias de jovens adultos homossexuais. **Interação em Psicologia**, v. 26, n. 1, jun. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/71750>
16. MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, abr. 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>
17. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2019. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/06/CFP_TentativasAniquilamento_WEB_FINAL.pdf
18. NATARELLI, Taison Regis Penariol *et al.* O impacto da homofobia na saúde do adolescente. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 4, p. 664-670, 2015. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150089>
19. CRUZ, Hizabella de Andrade Barros; OLIVEIRA, Laize Cedraz; ARAUJO, Roberta Lima Machado de Souza. Homossexuais e sofrimento psíquico: homofobia em contexto intrafamiliar. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 8, n. 3, 2019. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpdsv8i3.2538>